

# Perfumes

*Philippe Claudel*

Traduzido do francês por  
Luís de Barros

SEXTANTE EDITORA  
FICÇÃO



## Abeto

Diz-se dos naturais dos Vosgos que são meio-homens meio-abetos, para zombar do seu carácter rígido e da sua rudeza. Longe das florestas de abetos, vivo ao retardador. Parece que me desenraizaram. Faltam-me a sua constante verdura, a sua amplidão de asas abertas, o seu odor luzidio de resina, as suas agulhas inofensivas. O meu pai, antes da guerra, é lenhador, camponês, operário químico. O após-guerra faz dele um polícia, mas que não esquece nunca as suas florestas. A sua casa natal encastra-se nelas. Bosques sombrios que trepam por uma encosta íngreme até à rocha de la Soye, as ruínas do castelo de Pierre-Percée, a garganta de la Chapelotte onde tantos combates se disputaram durante a Primeira Guerra ao ponto de serem visíveis ainda as contusões. Ele ocupa-se de muitos dos abates no vale de la Plaine, ribeira com águas percorridas pelas trutas e os vairões, marginada por uma antiga via romana, dominada lá no alto pelo Donon no cume do qual um templo de grés celebra o culto de Veleda<sup>1</sup>. É um dos lugares mais resinosos de França. Não se pode escapar aos abetos velhos ou jovens, negros, imensos, de uma majestade quase carolíngia, ou então às epíceas alinhadas em brigadas ao longo dos caminhos. Piquenique. Carrega-se a 4 L de cestos, de mantas, de bancos desdobráveis, de escalfadores, de saladeiras, de bolas de petanca e de raquetas de badminton. Nunca se vai

<sup>1</sup> Virgem profetisa celta ou germânica do tempo do imperador romano Vespasiano. O seu nome significa «aquela que vê». (*N. do T.*)

para longe. Volta-se ao lugar de infância, perto de um pequeno riacho no coração de uma floresta na qual se penetra graças a um caminho de areia rosada. O nosso canto. O sol é expulso para além das ramagens. A sombra cheira a seiva e a musgo. O riacho azul os dedos se nele os deixamos demasiado tempo. A cerveja e o vinho ficam lá rapidamente frescos. Muitas vezes acompanham-nos o Tio Dédé e a Tia Jeanine, e a minha outra tia, Paulette, que sempre conheci viúva, tendo o seu marido Nénesse morrido antes de eu ter vindo ao mundo, eletrocutado num estaleiro de la Saline. Posamos para fotografias formato 6x9, com os rebordos dentados, sentados à volta de uma mesa de campismo. Sorrisos, camisolas interiores e barrigas cheias. Os abetos envolvem-nos com os seus ramos rasteiros. É um mundo de quietude, de zunidos de abelhas, de lentos trajetos de lesmas, de formigueiros faraónicos, de gaios que se esgueiram, azuis, deixando por vezes tombar uma pena branca recamada de cinzento que planto nos meus cabelos. Apalpo os musgos que, mesmo no mais quente do verão, retêm sempre um pouco de humidade, uma esponjosidade turfada. Arranco por vezes camadas almofadadas que pouso sobre as minhas coxas. Aqui, posso sujar-me, rebolar-me sobre os fetos, mascarar-me besuntando as faces com terra que cheira a raiz de urze. Tenho o direito. Afago o tronco dos abetos. As palmas das minhas mãos embebem-se de uma resina que faz lembrar as lágrimas. Arranco cristais aromáticos como rebuçados para a garganta e que se aglutinam nas fendas da árvore. Os picanços furaram-nos com os seus bicos assassinos. Picanços verdes, picanços malhados, conhecidos por cus-vermelhos, grandes pássaros escavadores. O tempo não passa. Ouço os risos dos adultos que fazem a digestão. Eu como o que encontro, frutos da faia, framboesas silvestres, mirtilos, amoras, tenros rebentos. Que-ria ser um cabrito. No regresso, adormeço no carro, enrolado nos meus sonhos animalistas e numa manta na qual, dias mais tarde, se encontram ainda agulhas de abeto e cristais de areia.

## Acácia

Incongruência climática: conheço árvores cobertas de neve no princípio do mês de junho. Espessa e ao mesmo tempo delicada, esta neve, em cachos flocosos, e que o vento da tarde aflora suavemente como se acaricia um ventre amado. Desço de bicicleta a ladeira funda que mergulha atrás do cemitério de Dombasle, a minha cidade de nascimento, a minha cidade de infância, a minha cidade de hoje, rumo ao velho estádio de Sommerviller abandonado aos nossos jogos. As escondidas, o jogo do mata, polícias e ladrões. Vou ter com os meus companheiros: o Noche, os Waguette, Éric Chochnaki, Denis Paul, Jean-Marc Cesari, Francis Del Fabro, Didier Simonin, Didier Faux, Jean-Marie Arnould, o Petitjean, Marc Jonet. As grandes acácias ocultam o céu claro e juntam-se numa abóbada adornada. Folhas com formas de moedas antigas. Espinhos de coroas para supliciados ausentes. Pedalo de olhos fechados e atiro a cabeça para trás, embriagando-me com o perfume das pétalas e com uma alegria febril que cada primavera traz de novo. Os dias vão tornar-se imensos, como a nossa vida. Aguardaremos o anoitecer com o canto novo das aves e das rãs. É com espanto que se dá pelo último frio da terra que nos refresca. Os próprios nevoeiros partirão em viagem, para longe, e não voltarão senão em outubro. O céu dará à luz os seus poentes cor-de-rosa, tingidos de alaranjado e de azul pálido como nos quadros de Claude Gellé, dito o Loreno, que nasceu a algumas léguas daqui três séculos atrás. Flores de acácia com odores de mel e de primaveras,